

A INTERNACIONALIZAÇÃO ESPETACULAR DOS PERIÓDICOS DE EDUCAÇÃO

O processo de internacionalização dos periódicos da área de educação torna-se cada vez mais visível. Embora ainda haja diferenças significativas quanto ao número de títulos dos periódicos das denominadas ciências exatas e biológicas, quando comparados aos números dos periódicos das chamadas ciências humanas, nota-se o incremento cotidiano destes últimos, tal como no caso das revistas da área de educação. Evidentemente, a publicação de um artigo numa revista tal como a *Computers & Education*, cujo fator de impacto (FI) é 2.630, proporciona ao seu autor(a) não apenas a possibilidade de publicar um artigo num periódico de seletiva política editorial, como também a oportunidade de tornar seu nome internacionalmente visível. Assim, ao lado da possibilidade de amealhar condições para pleitear ou manter uma bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq, caso consiga regularmente publicar seus artigos em periódicos de tal porte, o pesquisador(a) pode ter seu artigo citado nos trabalhos de outros pesquisadores(as) dos mais variados países, aumentando, portanto, as chances de obter sucesso ao solicitar recursos nacionais e, principalmente, internacionais de financiamento de pesquisas. Do mesmo modo, este pesquisador(a) pode se tornar mais conhecido e ser convidado a realizar intercâmbios internacionais entre grupos de pesquisa.

Diante deste contexto, é interessante destacar o quanto a expressão fator de impacto desvela as características da sociedade cujas relações tendem a se tornar cada vez mais espetaculares. De fato, na atual sociedade do espetáculo, também a mercantilização dos produtos simbólicos, na forma dos artigos publicados, determina a maneira como tanto um determinado periódico se sobressai espetacularmente em relação a outro de menor FI. Cada vez mais o que de fato interessa é o quanto um artigo será mais impactante do que outros, uma vez que os periódicos e pesquisadores(as) com maiores índices de FI e *h* terão mais chances de obter, respectivamente, maiores recursos de publicação e de pesquisa. Os números de tais fatores e índice são calculados da seguinte forma: chega-se ao FI de um periódico por meio do número de citações dos artigos dividido pelo número de artigos publicados durante um determinado período de tempo, sendo geralmente dois

anos antes de tal avaliação. Já o índice h é calculado em decorrência do número de citações do artigo de um autor(a), de modo que se um autor(a) tiver um índice h 30 significa que teve 30 artigos publicados com número igual ou maior que 30 citações cada.

Mas há várias condições que precisam ser cumpridas para que se possa garantir tamanha visibilidade tanto dos periódicos, quanto dos pesquisadores que obtêm altos índices de FI e h . Atualmente, a principal delas se refere ao aceite das condições de publicação dos grupos editoriais afeitos ao chamado *open access program* (programa de acesso aberto) de artigos. Ao que tudo indica, a origem de tal programa é atribuída à *Budapest open access initiative*. Realizada em Budapeste em fevereiro de 2002, e assinada por professores, diretores de faculdades e editores, entre outros profissionais, esta iniciativa se caracterizou pela defesa de um sistema de publicação que privilegiasse o acesso *on line* livre e irrestrito de artigos por parte de quaisquer pessoas, de tal modo que seriam eliminadas as fronteiras de difusão do conhecimento, pois haveria condições favoráveis para a aceleração do desenvolvimento das ciências de uma forma jamais vista anteriormente. Desde então, a prática do *open access program* tornou-se cada vez mais frequente entre os principais grupos editoriais do mundo. Contudo, a aparente democratização concernente ao acesso de tais artigos se fundamenta, na verdade, no estabelecimento de um lucrativo mercado, que poderia ser identificado como o mercado espetacular da produção de artigos. Para que se tenha uma ideia do funcionamento de tal mercado, pode-se pensar no caso do grupo editorial Taylor & Francis. Fundado em 1798 e com sedes atualmente no Reino Unido, nos EUA e outros países, este grupo editorial publica anualmente cerca de 2.000 periódicos e 4.000 novos títulos de livros nas mais variadas áreas de conhecimento, inclusive a área da educação.

Diferentemente de periódicos do sistema Scielo, cujos editores permitem o acesso livre aos textos dos artigos, no caso do grupo Taylor & Francis é ofertada aos autores(as) a escolha de se publicar o artigo aceito nas modalidades *green* ou *gold*. Caso o autor(a) opte pela primeira modalidade, ele ou ela não precisará pagar a chamada taxa de publicação do artigo, mas, em decorrência disto, o artigo não será incluído no programa de acesso aberto, de tal modo que poderá ser divulgado pelo seu respectivo autor ou então por algum repositório institucional, desde que sejam feitas as devidas referências à Taylor & Francis. Além disso, tal artigo será liberado para *downloads* apenas após o cumprimento de um período de embargo. Porém, se o autor escolher a segunda modalidade de publicação, não por acaso identificada como *gold*, e aceitar pagar a taxa de publicação (cerca de US\$ 3,000), então ele ou ela participará do Taylor & Francis *open access program*, de tal maneira que as pessoas poderão ter acesso livre e imediato a seu artigo. Além disso, haverá uma divulgação global deste texto que terá enorme poder de visibilidade garantido pelos mecanismos de busca dos *softwares* do grupo Taylor & Francis.

Diante do atual contexto de mercantilização espetacular dos produtos simbólicos na forma dos artigos científicos, visibilidade se transforma na palavra de ordem. Evidentemente, a rapidez por meio da qual determinado artigo se torna mundialmente visível, através do sistema de acesso aberto, implicará diretamente na quantidade de acessos e *downloads* que tal artigo terá. Seguindo esta linha de raciocínio, tanto o periódico que o publicou, quanto seu autor ou autora terão incrementados seus respectivos fatores de impacto e índice *h*. Nos periódicos internacionais de educação, publicados por grupos tais como Taylor & Francis e Elsevier, pode-se constatar em cada um deles quais são seus respectivos fatores de impacto, bem como quais são os artigos mais citados e visualizados.

De acordo com a terminologia de Bourdieu, os capitais culturais de tais artigos tornam-se literalmente aquilo que designam: *commodities* culturais mais valorizadas do que outras que não são tão rapidamente divulgadas e, portanto, não são tão espetacularmente visíveis. Não por acaso, a visibilidade imediata de tal produção acadêmica é identificada como parte da modalidade *gold*. Na era da exposição absoluta das pessoas e das coisas, não há mais motivos para dissimular o fato da produção dos artigos se afastar cada vez mais de uma perspectiva de difusão cultural para, concomitantemente, se afirmar como mercadoria que, não mais metaforicamente, vale ouro. Justamente nesta corrida desenfreada por tal ouro, avolumam-se cotidianamente as denúncias de casos de autores que cometem plágio.

Evidentemente, há casos notórios de má-fé cometidos por pessoas que, deliberadamente, se apropriaram dos conteúdos de produções alheias e os utilizaram como se fossem de sua autoria. Há casos, até mesmo tragicômicos, de pessoas que compraram artigos sobre a temática do plágio, e os assinaram como se fossem seus, em *sites* de compra e venda de monografias e outros trabalhos acadêmicos. Em tempos de difusão *on-line* das informações, exige-se que resultados de pesquisas sejam publicados de forma açodada para que não percam o caráter de novidade, o plágio não é mais nem colocado como um dilema ético, pois se absolutiza a ponto de ser identificado como prática “natural”. E da mesma forma que a velocidade de troca de informações proporcionada pelas tecnologias digitais se torna cada vez maior, mais rapidamente são elaboradas ferramentas de detecção de situações de plágio. Contudo, há vários pesquisadores que, atualmente, defendem a necessidade de que o plágio seja cada vez mais pedagogicamente discutido, sobretudo com os alunos que os cometem, de tal maneira que estes tais alunos se conscientizem tanto dos prejuízos decorrentes das práticas de plágio, quanto da relevância de serem identificados como autores de seus próprios textos.

Os tópicos destacados neste editorial, tais como visibilidade, difusão *on-line* de artigos e plágio fazem parte do inevitável processo de internacionalização também dos periódicos da área de educação. E se periódicos brasileiros desta área se destacam pelo rigor e seriedade presentes nas normas de publicação,

torna-se não menos relevante enfatizar as dificuldades enfrentadas por tais periódicos, sobretudo as concernentes aos recursos financeiros que precisam obter de agências de fomento para que possam garantir, entre outros aspectos, a constância da periodicidade de publicação. Além disso, é preciso também que tais agências explicitem quais os critérios que fazem com que revistas de periodicidade quadrimestral, e de cerca de 300 páginas, recebam os mesmos recursos de outros periódicos que são publicados trimestralmente e que possuem cerca da metade das páginas. Há ainda que lembrar o fato de que, dentre várias contradições afeitas à área de educação, existe uma produção de artigos cujas temáticas locais podem não ser de interesse de periódicos estrangeiros, mas que nem por isso são menos relevantes e interessantes. Por outro lado, porém, é preciso considerar também que há várias outras temáticas que, por conta de suas idiossincrasias, não só interessam a tais periódicos, como também proporcionam a internacionalização de trocas de diferentes metodologias sobre os mesmos objetos de pesquisa, o que proporciona avanços significativos para a própria área de educação.

De acordo com tal perspectiva, *Educação & Sociedade* há tempos se destaca como periódico não só de âmbito nacional, como também internacional, na medida em que autores de vários países enviam os resultados de suas pesquisas na forma de artigos que são avaliados e, quando aceitos, publicados. Trata-se de uma contribuição de fundamental importância para que o intercâmbio internacional entre pesquisadores se consolide também a área das ciências humanas, notadamente no campo educacional. E tal contribuição se fundamenta também no fato de que, para *E&S*, o fator de impacto, apesar de importante, nunca se antepõe ao conteúdo do artigo, por mais sedutora que seja a possibilidade de se afirmar espetacularmente como publicação internacional impactante.